

VARIAÇÃO PRONOMINAL NÓS/A GENTE EM GUARAPUAVA, PARANÁ: O PAPEL DOS FATORES LINGUÍSTICOS

Vanessa Aparecida Deon *

Loremi Loregian Penkal **

Lucelene Teresinha Franceschini ***

RESUMO: *O presente artigo tem por objetivo analisar a influência dos fatores linguísticos no uso de nós/a gente na posição de sujeito em Guarapuava, Paraná. Para isso, consideramos as seguintes variáveis: determinação do referente, presença/ausência do pronome, tipo de texto, tempo verbal, concordância verbal e tonicidade. Os dados analisados são provenientes de 24 entrevistas, coletadas nos anos 2014 e 2015 e pertencentes ao Projeto VARLINGUA (Variação Linguística de Guarapuava). Tomamos por base os pressupostos teóricos da sociolinguística quantitativa proposta por William Labov (2008 [1972]) e, para a análise dos dados, utilizamos o programa GoldvarbX. Os fatores que favoreceram o uso de a gente foram os verbos monossílabos tônicos e oxítonos, a indeterminação do referente, a presença do pronome, o texto argumentativo e os tempos presente e pretérito imperfeito.*

PALAVRAS-CHAVES: *sociolinguística variacionista, variação pronominal nós/a gente, VARLINGUA.*

ABSTRACT: *This article aims to analyse the influence of linguistic factors in the use of nós/a gente on the subject position in Guarapuava, Paraná. For this, we considered the following variables: relative determination, pronoun presence/absence, text type, verbal tense, verbal agreement and tone. The data analyzed are from 24 interviews, collected in the years 2014 and 2015 and belonging to the VARLINGUA Project (Linguistic Variation of Guarapuava). We take based on theoretical assumptions of quantitative sociolinguistics proposed by William Labov (2008 [1972]), and for data analysis, we*

* Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (2015) – UNICENTRO. Guarapuava-PR. Contato: vanessadeon@yahoo.com.br

** Doutora em Letras/Sociolinguística pela Universidade Federal do Paraná (2004). Pós-doutorado na UFPR/CNPq (2012). Docente na Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO, Campi de Irati e Guarapuava-PR. Contato: lpenkal@irati.unicentro.br

*** Doutora em Letras/Sociolinguística pela Universidade Federal do Paraná (2011). Pós-doutoranda em Linguística Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO (PNPD/CAPES), Guarapuava-PR. Contato: lucelenetf@gmail.com

use the program GoldvarbX. The factors that favored the use of the innovative pronoun a gente were stressed monosyllables and oxítonos verbs, the uncertainty of the

referenced person, the presence of the pronoun, the argumentative text and the present and imperfect tenses.

KEYWORDS: *sociolinguistics variationist, pronominal variation nós/a gente, VARLINGUA*

INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentamos uma análise da influência dos fatores linguísticos no uso das formas pronominais *nós/a gente* na posição de sujeito na comunidade de fala guarapuavana. Os pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista propostos por Labov (2008 [1972]) embasam este trabalho.

A sociolinguística apresentou-se, a partir da metade do século XX, mais precisamente na década de 60, como uma reação ao estruturalismo e o gerativismo, que não incluíram em suas análises a variação linguística. A sociolinguística enfatizou, principalmente, a relação entre língua e sociedade e a possibilidade de se sistematizar a variação existente na língua falada. A interação com outras áreas, como a antropologia e a sociologia, tiveram papel fundamental para o desenvolvimento dessa nova disciplina.

De acordo com Monteiro (2008, p.15), as primeiras tentativas para delimitar o campo da sociolinguística foram do linguista e antropólogo William Bright (1966) e do sociólogo Joshua Fishman (1972). Bright formulou uma série de ideias sobre a relação entre língua e sociedade e acabou estabelecendo que o objeto de estudo da sociolinguística era a

diversidade linguística, mas ambos os autores não conseguiram defini-la com exatidão.

O fundador da sociolinguística variacionista foi o americano William Labov. Seu primeiro estudo foi sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts, nos Estados Unidos, em 1963. Em sua pesquisa sobre a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ em Martha's Vineyard, Labov constatou que a variante conservadora, não-padrão, predominava na comunidade, revelando uma atitude positiva em relação à ilha e diferenciando, assim, o falar nativo daquele dos turistas

Labov também analisou a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova York (1966), mais especificamente a língua do gueto: em seu estudo, observou que o inglês vernacular dos adolescentes negros do Harlem tinha relação com o fracasso das escolas em ensiná-los a ler.

Outro estudo realizado por Labov foi sobre as variações fonológicas da consoante /r/ na posição pós-vocálica na fala dos funcionários de lojas de departamentos em Nova York (1966). Os resultados de sua análise demonstraram que, nessas lojas, a ausência do /r/ era estigmatizada socialmente e sua presença era considerada a variante de prestígio. Esses estudos de Labov, que buscavam entender a língua no contexto social, embasaram outros vários estudos sobre a variação linguística.

Segundo Labov (2008 p. 221) “É comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer “a mesma” coisa. Algumas palavras diferentes como *carro* e *automóvel*, parecem ter os mesmos referentes,

outras têm duas pronúncias, como *cantando* e *cantano* [...]” Essas diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa são chamadas de “variantes linguísticas”, e essas podem permanecer estáveis no sistema durante um

período curto de tempo ou até mesmo por séculos. Podem ainda, sofrer mudanças quando uma das formas for substituída por outra(s). Já o conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística”.

Na visão de Calvet (2002, p. 102), “temos a variável linguística quando duas formas diferentes permitem dizer a mesma coisa, ou seja, quando dois significantes têm o mesmo significado.”

No caso do estudo da alternância das formas pronominais *nós/a gente* em Guarapuava, temos duas formas de dizer a mesma coisa, ou seja, que permitem o mesmo significado.

A variação pronominal *nós/a gente* já foi estudada por diversos autores no Brasil, dentre eles, por: Omena (1998) no Rio de Janeiro - RJ, Lopes (1998) nas seguintes regiões do Brasil: Rio de Janeiro (Sudeste), Porto Alegre (Sul) e Salvador (Nordeste), Seara (2000) em Florianópolis-SC, Tamanine (2002) nas cidades catarinenses de Chapecó, Blumenau e Lages, Tamanine (2010) em Curitiba-PR, Borges (2004) em Jaguarão e Pelotas – RS, e Franceschini (2011) em Concórdia- SC, entre outros.

Esses trabalhos, além de resultados bastante significativos para o conhecimento da variação pronominal *nós/a gente* no português do Brasil, contribuíram para o estabelecimento de determinadas linhas de pesquisa e nortearam vários estudos realizados posteriormente sobre essa variação pronominal, inclusive o nosso.

Apresentamos, a seguir, algumas características da comunidade de Guarapuava.

CARACTERÍSTICAS DA COMUNIDADE DE FALA

O município de Guarapuava, Paraná, está localizado na região sul do Brasil e no centro-sul do estado do Paraná. Limita-se ao norte com o município de Turvo, ao sul com o município de Pinhão, a oeste com Candói, Cantagalo e a leste com Prudentópolis, Inácio Martins. Está localizado a 247 km da capital Curitiba, a 361 km do porto de Paranaguá e a 389 km da tríplice fronteira em Foz do Iguaçu. A cidade possui uma população de 167.328 habitantes segundo dados do IBGE /2010, sendo que 9% encontram-se na área rural e 91% na área urbana. A população por sexo é composta por 85.531 mulheres e 81.797 homens.

Essa localidade, inicialmente povoada por indígenas que foram em sua maioria expulsos da região no processo de colonização, é formada por uma grande diversidade étnica. Atualmente é composta por descendentes de italianos, ucranianos, alemães, japoneses, africanos, austríacos, poloneses e sírios libaneses. A seguir, apresentamos a composição da amostra e a coleta de dados.

COLETA DE DADOS E COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA

O *corpus* desta pesquisa é composto por uma amostra de 24 entrevistas gravadas, realizada nos anos 2014 e 2015, pertencentes ao

Banco de dados VARLINGUA (Variação Linguística de Guarapuava), com duração mínima de quarenta minutos cada. Para a coleta dos dados,

selecionamos informantes nascidos no município de Guarapuava, que não tenham residido mais do que dois anos em outra cidade¹.

No total, são 24 informantes: 12 com idades de 25 a 45 anos e 12 com idades de 50 anos ou mais, sendo 12 masculinos e 12 femininos de cada uma das faixas etárias: 8 informantes com nível fundamental I, 8 com fundamental II e 8 com ensino médio.

Na coleta dos dados, após a aplicação de uma ficha social, usamos a entrevista sociolinguística como instrumento, que consiste em gravar narrativas de experiências pessoais. As entrevistas foram, posteriormente, transcritas e os dados foram armazenados eletronicamente, codificados e submetidos ao tratamento estatístico do Programa GoldVarb X. A seguir trataremos da variação *nós/a gente* em Guarapuava.

VARIAÇÃO *NÓS/A GENTE* EM GUARAPUAVA

Em nossa análise da variação *nós/a gente* na amostra de Guarapuava, consideramos o fato de que o português é uma língua que pode apresentar formas pronominais sujeito *plenas/expressas* e também sujeito *nulo* ou *anáfora zero* (\emptyset).

¹ Os 24 informantes são filhos de pais nascidos em Guarapuava e região. Apenas dois informantes moraram em outras cidades, depois dos doze anos de idade, por um curto período.

Exemplificamos com dados de nossa amostra o uso dos pronomes *nós/a gente*, tanto *expressos* quanto *nulos*, na função de sujeito. Consideramos como forma *não preenchida* os casos em que as orações não coordenadas apresentavam os pronomes *nós/a gente*. Seguem exemplos obtidos em nossos dados:

a) *A gente* expresso/nulo

(1) (5)² Assim, na verdade assim, *a gente*, a princípio quando *a gente* noivô, *a gente* pretendia construí a nossa casa assim, por financiamento, ia se a casa, a casa ia tê tudo que precisava, questão de de cômodos, porém não deu certo. (1cFe)³

(2) (8) *A gente* sempre ia na igreja porque todo domingo \emptyset *tinha* que í, era um imposição dos pais, né? (2cMI)

Vemos que no exemplo (1), a entrevistada fala sobre o seu noivado e como seria a sua casa. Para tanto, utiliza o *a gente expresso* no texto para referir-se a ela e ao seu esposo.

No exemplo (2), o informante inicia o seu discurso com o *a gente expresso* e, na sequência, usa o *a gente nulo* (\emptyset), quando relata que, na sua infância, ele e os irmãos tinham que ir à missa todos os domingos, pois era uma imposição dos pais.

b) *Nós* expresso/nulo

² O segundo número entre parênteses se refere à identificação do exemplo em DEON (2015).

³ Informante da primeira faixa etária (1), com ensino médio (c), sexo feminino (F), a última letra (e) identifica o informante.

(3) (9) Acho que foi aniversário de casamento, bodas de oro, né? do vô e da vô, né? então foi, nossa! Só nossa família dava festa, *nóis* tinha, *nóis* tinha os

músico, *nóis* tinha o cozinheiro, *nóis* tinha os dançadô, *nóis* tinha tudo, né? Dentr... dentro da da família tem tudo. (1gMd)

(4) (10) Agora, que nem diz o causo, graças a Deus, *samo* rico, né? intão, quase tudo final de semana *fazemo* uma carinha assada, né? (2gMj)

O exemplo (3) ilustra a presença do pronome *nós expresso*, pois o entrevistado falava sobre as festas em família e cita como exemplo as bodas de ouro de seus avós. Nota-se que o informante utiliza, nesse relato, continuamente o *nós expresso*.

No exemplo (4), o entrevista compara a época de sua infância e a atual situação financeira da família. Percebemos que o informante usa o *nós nulo*, que é facilmente detectado pela desinência verbal *-mos*.

Assim, na análise da variação *nós/a gente* nos dados de Guarapuava, conforme ilustram os exemplos citados, consideramos esses pronomes expressos e nulos.

Neste estudo analisamos, portanto, os principais fatores linguísticos que condicionam o uso de *nós/a gente* na posição de sujeito nos dados de Guarapuava. Para isso, consideramos em nossa análise algumas variáveis linguísticas (independentes) que foram selecionadas como estatisticamente significativas em outras pesquisas realizadas no Brasil. Essas variáveis são: *determinação do referente, tipo de texto, tempo verbal, concordância verbal e tonicidade*. Além disso, incluímos em nossa análise também a

variável *presença/ausência do pronome*, embora ela não tenha sido estudada como variável independente nesses estudos.

Nossa hipótese geral para este estudo era que a comunidade de Guarapuava utilizaria mais a forma inovadora *a gente*, e esse resultado, conforme veremos adiante, foi comprovado pelo teste estatístico.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

Nesta seção, tratamos da análise e a discussão dos resultados obtidos na rodada geral do programa GoldvarbX (DEON, 2015). Nessa rodada foram selecionadas as seguintes variáveis independentes, por ordem de significância: 1) *tonicidade*, 2) *tempo verbal*, 3) *presença/ausência do pronome*, 4) *escolaridade*, 5) *tipo de texto*, 6) *determinação do referente*, 7) *sexo* e 8) *faixa etária*. A variável *concordância verbal* foi retirada da análise devido aos *nocautes*⁴, pois verificamos que, com o pronome *a gente*, a forma verbal apresentou-se não marcada (*a gente* - \emptyset) em todas as ocorrências.

Obtivemos, em nossos dados, um *input* de 0,59 para *a gente*, o que indica que o uso do pronome inovador predominou em nossa amostra. Esse resultado comprova, assim, a nossa hipótese inicial. A seguir apresentamos

⁴ Um nocaute ou (*KnockOut*) na terminologia de análise, “é um fator que, num dado momento de análise correspondente a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente.” (GUY e ZILLES, 2007, p. 158). Consiste num problema analítico no processamento dos dados com GoldVarb, uma vez que um grupo de fatores é zero ou cem, não há variação. Portanto, deve-se retirar os dados com nocautes e recodificar os dados.

especificamente os resultados para as variáveis linguísticas, foco desse estudo:

Tabela 1 – Resultados da variação *nós/a gente*: *tonicidade*

Grupo de Fatores	<i>Nós</i>			<i>A gente</i>		
	Aplic.N	%	P.R.	Aplic.N	%	P.R.
1.Tonicidade						
Monossílabos tônicos	9/246	4	0,05	237/246	96	0,95
Oxítonas	15/125	12	0,08	110/125	88	0,92
Paroxítonas	751/1289	58	0,70	538/1289	42	0,30
TOTAL	786/1671	47		885/1671	53	

Fonte: Dados do VARLINGUA (2015)

Apresentamos, na tabela 1, os resultados da *tonicidade*, a primeira variável selecionada como estatisticamente mais significativa na rodada da amostra VARLINGUA. Nos resultados, verificamos que a forma *a gente* foi favorecida com *monossílabos tônicos* e *oxítonas*, com pesos relativos de 0,95 e 0,92, respectivamente. Já as formas *paroxítonas* desfavoreceram o pronome *a gente*, favorecendo, portanto, o uso de *nós* (0,70).

Os exemplos (5), (6) e (7) ilustram o uso dos pronomes *nós/a gente* com verbos monossílabos tônicos, oxítonas e paroxítonas, respectivamente:

(5) Da maneira de falá, e muitos ou maneira que se vestem, né? *a gente* ainda *vê* muitos homens que andam piuchado, né? acho que é isso. (2gFi).

(6) Tipo assim, quando a minha mãe teve problema de saúde, né? que *a gente* *ficô*, assim, muito preocupado [...] (2gFi).

(7) No tempo que *nóis tava* na casa de casa da mãe, normalmente era eu e a Maria, né? era *nóis dois*, as vez *nóis saía* na casa de algum amigo saía em alguma festinha [...] (1gMd).

No exemplo 5, retirado dos nossos dados, ao perguntamos para a entrevistada como ela identificava um guarapuavano, ela nos relatou que é pela maneira de falar e de vestir, e usa a forma *a gente* com verbo *monossílabo tônico* (*a gente* ainda *vê*). No exemplo (6) a informante conta que sua mãe teve um problema sério de saúde, usando *a gente* com verbo *oxítono* (*a gente ficô*). Já no exemplo (7) o informante utiliza a forma pronominal *nós* com verbos *paroxítonos* (*nóis tava/ nóis saía*) relatando sobre a época que ainda morava na casa da mãe dele.

Quanto às formas *proparoxítonas*, das 11 ocorrências encontradas em nossa amostra, todas foram com a forma *nós*, portanto, as *proparoxítonas* foram retiradas da amostra devido à ocorrência de *nocautes*. Segue exemplo (8) em que a informante relata um momento triste de sua infância usando *nós* e verbo *proparoxítono* (*nós éramos*):

(8) Eu acho assim que na minha infância que ficô um pouco mais triste assim que eu acho que eu lembro até hoje, foi quando a minha irmã mais velha foi embora, porque como *nós éramos* muito, bastante irmão, a minha mãe num tinha tempo de dá carinho tipo pra nós, i essa minha irmã que dava carinho. (1pFm)

Nossos resultados foram semelhantes aos resultados das pesquisas de Borges (2004) em Pelotas e Jaguarão- RS, com um maior uso da forma *a*
Revista Trama ISSN 1981 4674 - Volume 12 – Número 27–2016, p.110-138.

gente com *monossílabos tônicos e oxítonos*, com 0,94 e 0,89, respectivamente. Também na pesquisa de Tamanine (2010) em Curitiba - PR, os *monossílabos tônicos e oxítonos* favoreceram *a gente* (0,97 e 0,99, respectivamente) e as análises desses autores também apresentaram a variável tonicidade como a mais significativa. Nesses estudos as formas *paroxítonas* foram mais usadas com o pronome *nós*, em Jaguarão e Pelotas (Borges, 2004), esse pronome foi favorecido com 0,78 e 0,76, respectivamente, e em Curitiba (Tamanine, 2010), com 0,77.

Observamos, assim, que esse resultado só reitera a distribuição dos dados na língua, pois as formas verbais *monossílabas e oxítonas* são mais prováveis de ocorrer com o pronome *a gente*. Quanto ao maior uso das *paroxítonas* com a forma *nós*, isso pode ser explicado pelo fato de que os falantes também podem usar o verbo com a forma não-marcada e ao evitar formas verbais *proparoxítonas* ('esquiva de *proparoxítonas*'), acabam transformando-as em *paroxítonas*. Como podemos verificar no exemplo (9) o informante fala da sua infância utilizando o pronome *nós* com verbos *paroxítonos* (*nóis passava, nóis que cuidava, nóis tinha*) em vez de *proparoxítonos* (*nós passávamos, nós cuidávamos, nós tínhamos*).

(9) A minha infância por exemplo eu cum oito ano, sé seis a oito ano que eu me lembro, até deiz doze ano, *nóis passava* iscovão, *nóis que cuidava* por exemplo da irmã, da minha irmã, né? que era pequena, né? *nóis tinha* o meu irmão mais velho cuidava da genti, intende? (2cMz)

A segunda variável selecionada foi o *tempo verbal*. A tabela 2 apresenta os resultados relativos a essa variável:

Tabela 2 – Resultados da variação *nós/a gente*: tempo verbal

Grupo de Fatores	<i>Nós</i>			<i>A gente</i>		
	Aplic.N	%	P.R.	Aplic.N	%	P.R.
2. Tempo Verbal						
Presente do Indicativo	214/688	31	0,36	474/688	69	0,64
Presente do Subjuntivo	2/6	33	0,38	4/6	67	0,62
Pretérito Imperfeito	265/527	50	0,42	262/527	50	0,58
Pretérito Imp. do Subj.	6/9	33	0,56	3/9	67	0,44
Gerúndio	2/6	33	0,69	4/6	67	0,31
Pretérito Perfeito	269/368	73	0,78	99/368	27	0,22
Infinitivo	27/63	43	0,86	36/63	57	0,14
Total	786/1671	47		885/1671	53	

Fonte: Dados do VARLINGUA (2015)

Conforme observamos na tabela 2, os tempos verbais que favoreceram o uso de *a gente* na pesquisa de Guarapuava foram: *presente do indicativo*, *presente do subjuntivo* e *pretérito imperfeito*, com 0,64; 0,62 e 0,58, respectivamente. Já os demais tempos: *infinitivo*, *pretérito perfeito*, *gerúndio*, *pretérito imperfeito do subjuntivo*, favoreceram o pronome *nós* (0,86; 0,78; 0,69 e 0,56, respectivamente).

Em relação ao uso de *a gente* no *presente do indicativo* (0,64), em Guarapuava encontramos resultados semelhantes aos de outras pesquisas, como: Omena (1998), Lopes (1998) e Franceschini (2011), pois, também

nesses estudos, a forma inovadora *a gente* foi favorecida com o tempo *presente* (0,55; 0,60 e 0,58, respectivamente).

Esse resultado, favorável ao uso da forma *a gente* no *presente do indicativo*, pode estar relacionado ao caráter atemporal do *presente*, pois, segundo Menon (2006), esse tempo é muito frequente nas ocorrências de indeterminação. A autora destaca: “[...] certos enunciados mudam de sentido se forem colocados no *pretérito perfeito*: eles perdem o caráter indeterminado e se tornam no mínimo ambíguos.” (MENON, 2006, p.38).

O *pretérito imperfeito*, conforme já destacado, também favoreceu a forma *a gente* nos dados de Guarapuava (0,58), assim como nos resultados de Seara (2000), Tamanine (2010) e Franceschini (2011), com 0,68; 0,75 e 0,56, respectivamente. Esse favorecimento do pronome *a gente*, nesse tempo verbal, pode estar relacionado à tendência de evitar o uso de palavras proparoxítonas na língua. No *presente do subjuntivo*, obtivemos em nossa amostra, apenas 6 ocorrências, das quais 4 foram com a forma inovadora (0,62).

O *pretérito perfeito*, como era esperado, favoreceu a forma canônica *nós* (0,78) em nossos dados. Nos trabalhos de Lopes (1998), Seara (2000), Tamanine (2010) e Franceschini (2011), da mesma forma, o uso de *nós* predominou nesse tempo verbal (0,90; 0,77; 0,82 e 0,74, respectivamente). O uso da forma *nós* é muito recorrente nesse tempo verbal devido ao fato de o falante, nas entrevistas, narrar acontecimentos passados. Para justificar o predomínio de *nós* no pretérito perfeito, apresentamos a explicação dada por Lopes:

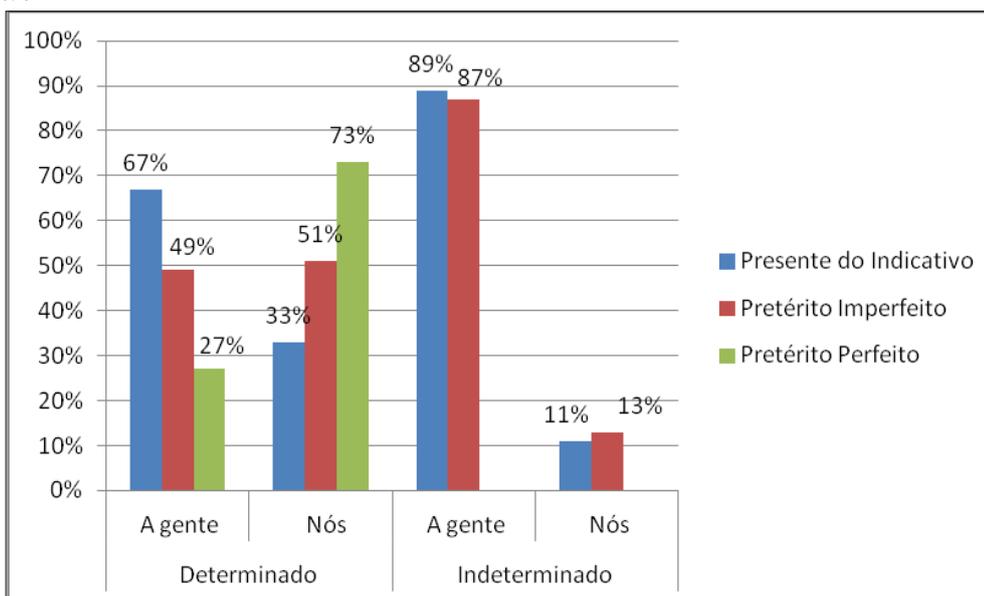
A interdependência dos fatores parece-nos óbvia, uma vez que o falante, ao narrar um acontecimento, refere-se a um evento passado (marcado temporal e cronologicamente), além de determinar as pessoas envolvidas na ação narrada. Consequentemente, há um favorecimento à presença de nós: narração = referente [+determinado]. (LOPES, 2003, p. 97)

Nos dados de Guarapuava, verificamos ainda que os tempos (*gerúndio e infinitivo*) favoreceram o pronome *nós* (0,69 e 0,86, respectivamente), resultado contrário ao obtido por Omena (1998), em que esses tempos favoreceram a forma *a gente* (0,83). Na pesquisa de Tamanine (2010), também o pronome *a gente* foi favorecido no *gerúndio* (0,94), já no *infinitivo*, como em nossos dados, o pronome *nós* foi mais utilizado (0,95).

Tendo em vista que o uso do pronome inovador predominou, em nossos dados, nos tempos *presente e pretérito imperfeito*, com o objetivo de verificarmos se o maior uso do pronome *a gente* nesses tempos verbais pode estar relacionado à *indeterminação*, assim como o predomínio de *nós* no *pretérito perfeito* à *determinação*, efetuamos um cruzamento entre as variáveis *tempo verbal e determinação do referente* no CROSSTAB⁵, conforme o gráfico 1:

⁵ Esse programa faz o cruzamento das percentagens atribuídas a dois (ou mais) grupos de fatores, permitindo, assim, que sejam analisadas com maior clareza as possíveis interferências entre dois ou mais grupos de fatores.

Gráfico 1 – Cruzamento entre as variáveis *tempo verbal* e *determinação do referente*



Fonte: Dados do VARLÍNGUA (2015)

De acordo com o gráfico 1, o cruzamento entre essas duas variáveis mostrou que no *presente do indicativo*, a distribuição entre *nós* e *a gente* em contextos de *determinação* foi de 67% para *a gente* e 33% para *nós*. Na *indeterminação*, como era esperado, o pronome *a gente* também predominou, apresentando um percentual de uso ainda mais elevado (89%).

No *pretérito imperfeito*, a distribuição entre *nós* e *a gente* em contextos de *determinação* foi praticamente a mesma (51% e 49%,

respectivamente); já na *indeterminação*, constatamos o predomínio de *a gente* (87%). Isso confirma o que havíamos dito anteriormente, ou seja, que o maior uso do pronome *a gente* no *pretérito imperfeito* pode estar relacionado ao fato desse tempo verbal ser mais propício à indeterminação

e também pode estar atrelado à tendência de se evitar o uso de palavras proparoxítonas na língua.

No *pretérito perfeito*, o pronome *nós* foi mais utilizado em contexto *determinado* (73%) e, nesse contexto, o uso de *a gente* representa apenas 27% das ocorrências. Observamos também, em nossos dados, que os pronomes *nós* e *a gente* indeterminados não apresentaram nenhuma ocorrência com verbos no *pretérito perfeito*.

Quanto a *presença/ausência* do pronome, foi a terceira variável linguística selecionada pelo programa estatístico GoldvarbX em nossa amostra. Segue a tabela 3 com os resultados:

Tabela 3 - Resultados de *nós/a gente*: presença/ausência do pronome

Grupo de Fatores	<i>Nós</i>			<i>A gente</i>		
	Aplic.N	%	P.R.	Aplic.N	%	P.R.
3. Presença/ Ausência						
Presença do Pronome	515/1341	38	0,42	826/1341	62	0,58
Ausência do Pronome	271/330	82	0,79	59/330	18	0,21
Total	786/1671	47		885/1671	53	

Fonte: Dados do VARLINGUA (2015)

Conforme podemos observar na tabela 3, os informantes de Guarapuava utilizam mais o pronome *a gente* de maneira *expressa* (presença do pronome), com peso relativo de 0,58. A *ausência do pronome*

predomina quando o sujeito é o pronome *nós* (0,79) e, conseqüentemente, é pouco utilizada com *a gente* (0,21).

Esse resultado, que indica um maior preenchimento do sujeito com o pronome *a gente*, confirma a ideia de que a desinência verbal não marcada confere ao pronome o *status* de único indicador da categoria de pessoa, daí sua presença cada vez mais constante. Já o pronome *nós*, por apresentar a desinência verbal *-mos*, que identifica o sujeito, favorece o não preenchimento.

No geral, considerando conjuntamente os pronomes *nós/a gente*, nossos dados apresentam 80% de formas *expressas* e 20% *não expressas* (sujeito nulo). Esse resultado parece corroborar o que foi dito por Duarte (1996), ou seja, que o português, tradicionalmente considerada uma língua de sujeito nulo, está em processo de mudança para uma língua de sujeitos plenos ou preenchidos.

O quinto grupo de fatores selecionado, após a escolaridade, foi o *tipo de texto*. Os resultados dessa variável são retomados na tabela abaixo:

Tabela 4 - Resultados de *nós/a gente*: tipo de texto

Grupo de Fatores	<i>Nós</i>			<i>A gente</i>		
	Aplic.N	%	P.R.	Aplic.N	%	P.R.
5. Tipo de Texto						
Argumentativo	111/434	26	0,35	323/434	74	0,65
Narrativo	558/1064	52	0,53	506/1064	48	0,47
Descritivo	117/171	68	0,69	54/171	32	0,31
Total	786/1671	47		885/1671	53	

Fonte: Dados do VARLINGUA (2015)

Conforme mostra a tabela 4, o uso da forma *a gente* foi favorecida nos textos *argumentativos*, com 0,65; já os textos *descritivos* favoreceram a forma *nós*, com 0,69. O texto *narrativo* apresentou um leve predomínio da forma canônica *nós* (0,53), com um resultado próximo do ponto neutro, o

que significa que os pronomes *nós* e *a gente*, na narração, foram empregados praticamente na mesma proporção.

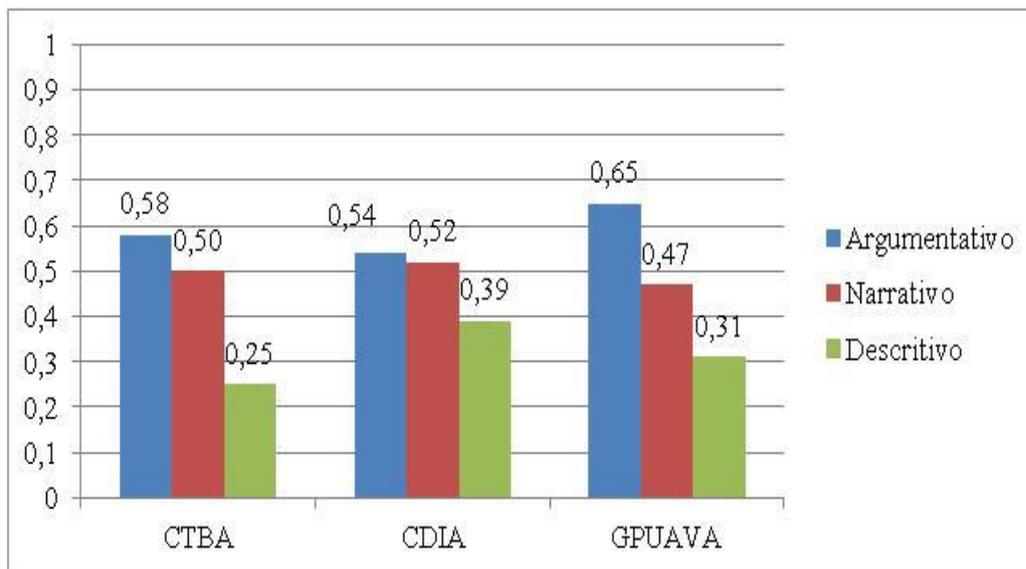
Os resultados da variável *tipo de texto* obtidos nas análises de Tamanine (2010) e de Franceschini (2011) também foram favoráveis a forma *a gente* nos textos *argumentativos* com 0,58 e 0,54 respectivamente, os *textos narrativos* apresentaram um resultado próximo do ponto neutro (0,50 e 0,52, respectivamente) e os *descritivos* favoreceram o pronome *nós* (0,75 e 0,61, respectivamente). Uma possível explicação é dada por Tamanine (2010) para justificar o maior uso de *a gente* na *argumentação*. Segundo a autora, a *argumentação* ocorre no momento em que o falante expõe suas ideias, sua avaliação sobre coisas, pessoas e fatos e, assim, nesse contexto, o pronome *a gente* é favorecido.

[...] Acredita-se que isso se deva ao traço semântico de *indeterminação* presente em *a gente*, o que permitiria ao falante um certo ‘afastamento’ de sua imagem pessoal ao emitir opinião, ampliando a força da ideia e influenciando a busca de maior convencimento do interlocutor. (TAMANINE, 2010, p. 164-165, grifos da autora).

Quanto ao favorecimento da forma canônica *nós*, nos textos *descritivos*, consideramos também a explicação dada por Tamanine (2010), pois esse resultado, segundo a autora, pode estar relacionado ao uso de

verbos estativos como *morar, ter, ser e estar*, frequentes nesse tipo de texto. O gráfico 2 apresenta os resultados do uso de *a gente* obtidos em Curitiba, Concórdia e Guarapuava para a variável *tipo de texto*.

Gráfico 2 - Efeito da variável *tipo de texto* no uso de *a gente* em Curitiba, Concórdia e Guarapuava.



Fonte: Dados adaptados de Tamanine (2010); Franceschini (2011) e VARLINGUA (2015).

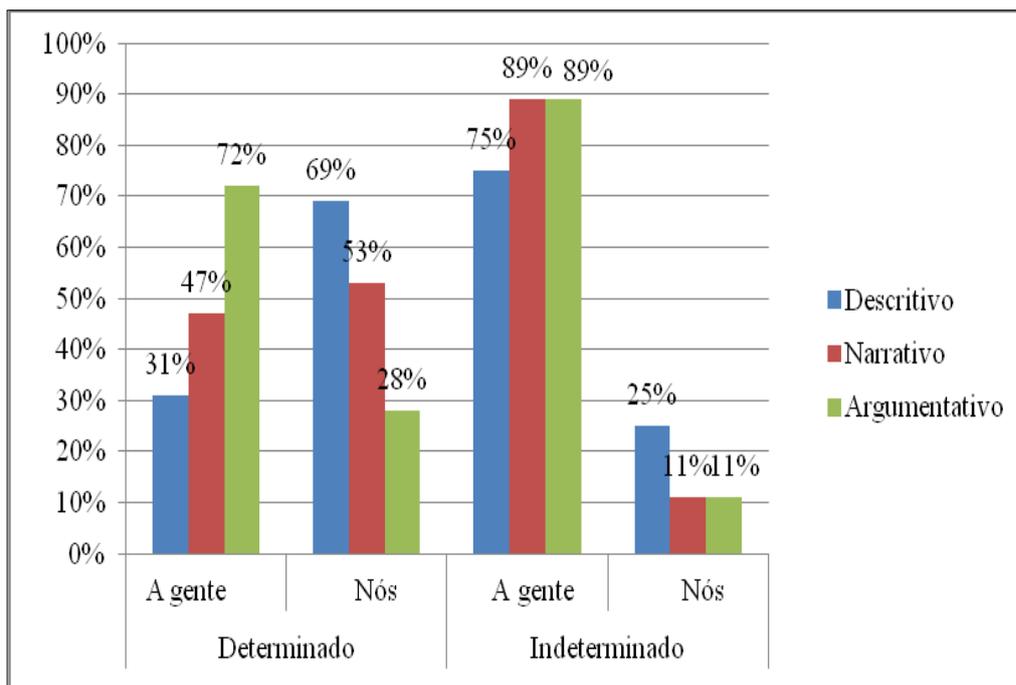
A partir do gráfico 2, podemos observar que nas três localidades o uso de *a gente* é maior nos *textos argumentativos* (Curitiba: 0,58; Concórdia: 0,54 e Guarapuava: 0,65). Comparando os resultados dessas cidades, nota-se ainda, que o uso de *a gente* na *argumentação* é mais elevado em Guarapuava do que em Curitiba e Concórdia. Os *textos descritivos*, ao contrário, favoreceram o uso de *nós* em Curitiba, Concórdia e Guarapuava (0,75; 0,61 e 0,69, respectivamente), o que pode estar

relacionado ao uso de *verbos estativos*, frequentes nesse tipo de texto, como já havíamos mencionado.

Nos *textos narrativos*, observamos praticamente o mesmo uso de *nós* e *a gente* em ambas as localidades (*a gente*: Curitiba: 0,50; Concórdia: 0,52; e Guarapuava: 0,47), com resultados próximos do ponto neutro, o que parece indicar que o uso desses pronomes encontra-se em plena variação nesse tipo de texto.

Com o auxílio do CROSSTAB, realizamos o cruzamento entre a *determinação do referente* e o *tipo de texto* com a finalidade de observarmos o uso dos pronomes determinados e indeterminados nos diferentes tipos de textos, conforme o gráfico 3:

Gráfico 3 - Cruzamento entre as variáveis *tipo de texto* e *determinação do referente*



Fonte: Dados do VARLINGUA (2015)

Nesse cruzamento, verificamos que na *determinação*, o pronome *a gente* predominou nos textos *argumentativos* (72%), já nos *narrativos* e *descritivos*, os informantes usaram mais o pronome *nós* (53% e 69%,

respectivamente). Esse resultado mostra que houve uma predominância de *a gente* no tipo de *texto argumentativo* em contextos *determinados*. Já os textos *narrativos* e *descritivos*, na *determinação*, apresentaram um maior uso do pronome *nós*.

Na *indeterminação*, em todos os tipos de textos o pronome *a gente* predominou, apresentando uma elevada percentagem de uso. Nos textos *argumentativos* e *narrativos*, em 89% das ocorrências, os informantes utilizaram *a gente*, e esse pronome também apresentou uma elevada frequência de uso nos *textos descritivos* (75%). Podemos dizer, de uma forma geral, que quando o referente é *indeterminado*, em todos os tipos de textos, há um elevado predomínio no uso de *a gente*. Esses resultados também parecem indicar que a *determinação* está mais associada ao uso de *nós* e a *indeterminação* ao uso de *a gente*.

A sexta variável selecionada em nossa análise foi a *determinação do referente*. Os resultados dessa variável são apresentados na tabela 5.

Tabela 5 - Resultados de nós/a gente: determinação do referente

Grupo de Fatores	Nós			A gente		
	Aplic.N	%	P.R.	Aplic.N	%	P.R.
6. Determinação do ref. Indeterminado	10/91	11	0,20	81/91	89	0,80

Determinado	776/1580	49	0,52	804/1580	51	0,48
Total	786/1671	47		885/1671	53	

Fonte: Dados do VARLINGUA (2015)

Como podemos observar na tabela 5, o pronome *a gente* predominou na *indeterminação* (0,80); já na *determinação*, verificamos um uso aproximado de *nós* (0,52) e *a gente* (0,48). Observamos que apesar de o pronome *nós* apresentar um leve predomínio em contextos de sujeito *determinado*, os pesos relativos dos dois pronomes estão muito próximos do ponto neutro, o que indica que a forma *a gente* está ganhando espaço também na *determinação*.

De uma forma geral, conforme verificado em nossos dados, observamos um favorecimento de *a gente* na *indeterminação* (0,80), corroborando os resultados de Omena (1998), Seara (2000), Borges (Jaguarão e Pelotas, 2004), Tamanine (2002; 2010) e Franceschini (2011). (2011) com 0,72; 0,68; 0,73; 0,65; 0,64; 0,60 e 0,83, respectivamente, pois, nesses estudos, o pronome *a gente* também predominou na *indeterminação*. Assim, verificamos que a forma *a gente* foi mais propícia aos contextos de sujeito indeterminado, enquanto os contextos de sujeito determinado favoreceram, embora levemente, a forma canônica *nós*.

Assim, nessa análise dos dados de Guarapuava, observamos algumas tendências gerais na fala dessa comunidade, os fatores linguísticos que favoreceram o uso do pronome inovador *a gente* foram os verbos

monossílabos tônicos e oxítonos, a indeterminação do referente, a presença do pronome, o texto argumentativo e os tempos presente e pretérito imperfeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo sobre o papel dos fatores linguísticos na variação pronominal *nós/a gente*, realizado em Guarapuava/PR, pudemos verificar que, na análise geral de nossos dados, o uso do pronome inovador *a gente* já começa a ultrapassar o pronome canônico *nós*. Obtivemos um input de 0,59 a favor do pronome *a gente*, o que indica que os falantes guarapuavanos estão usando mais a forma inovadora *a gente*.

Nessa análise observamos algumas tendências gerais na fala dessa comunidade. Os fatores linguísticos que favoreceram o uso do pronome inovador *a gente* foram os verbos *monossílabos tônicos* (0,95) e *oxítonos* (0,92), a *indeterminação do referente* (0,80), a *presença do pronome* (0,58), o *texto argumentativo* (0,65), os tempos *presente do indicativo* (0,64) e *pretérito imperfeito* (0,58).

Vimos que a tonicidade foi a primeira variável selecionada como estatisticamente mais significativa na rodada geral da amostra VARLINGUA. Nos resultados, verificamos que a forma *a gente* foi favorecida com *monossílabos tônicos e oxítonos*. O uso desses verbos junto ao pronome é resultado de um fenômeno estrutural da língua. Já as formas *paroxítonas* desfavoreceram o pronome *a gente*, favorecendo, portanto, o

uso de *nós*. O maior uso das *paroxítonas* com a forma *nós* pode ser explicada pelo fato que os falantes também podem usar o verbo com a forma não-marcada, e ao evitar formas verbais *proparoxítonas* (‘esquiva de *proparoxítonas*’) acabam transformando-as em *paroxítonas*.

O segundo fator selecionado pelo programa Goldvarb X foi o *tempo verbal*. Os tempos que favoreceram o uso de *a gente* foram: o *presente do indicativo*, o *presente do subjuntivo* e o *pretérito imperfeito*. Já os demais tempos verbais, *infinitivo*, *pretérito perfeito*, *gerúndio*, *pretérito imperfeito do subjuntivo* favoreceram o pronome *nós*.

Em relação ao uso de *a gente* em Guarapuava, no *presente do indicativo* encontramos resultados semelhantes aos nossos em outras pesquisas, como: Omena (1998), Lopes (1998) e Franceschini (2011). Esse resultado favorável ao uso da forma *a gente* no *presente do indicativo* pode estar relacionado ao caráter atemporal do *presente do indicativo*, que também é um tempo muito recorrente na indeterminação.

O *pretérito imperfeito*, conforme já mencionado, também favoreceu a forma *a gente* nos dados de Guarapuava, assim como nos resultados de Seara (2000), Tamanine (2010) e Franceschini (2011). O favorecimento desse pronome, nesse tempo verbal, pode estar relacionado à tendência de evitar o uso de palavras *proparoxítonas* na língua e também ao fato desse tempo verbal ser mais propício à indeterminação.

Em relação aos tempos verbais que favoreceram a forma canônica *nós*, encontramos: o *pretérito perfeito* e os tempos não marcados (*gerúndio* e *infinitivo*). O maior uso da forma canônica *nós* no pretérito perfeito

confirma os resultados obtidos por Lopes (1998), Seara (2000), Tamanine (2010) e Franceschini (2011). O uso do pronome *nós* é muito recorrente nesse tempo verbal devido aos falantes nas entrevistas narrarem acontecimentos passados.

O terceiro grupo selecionado foi a *presença/ausência do pronome*, verificamos que os informantes utilizaram mais o pronome *a gente* de maneira *expressa* (presença do pronome), com peso relativo de 0,58. A *ausência do pronome* predomina quando o sujeito é o *nós* (0,79) e, conseqüentemente, é pouco utilizada com *a gente* (0,21). Esse resultado indica um maior preenchimento do sujeito com o pronome *a gente* e confirma a ideia de que a desinência verbal não marcada confere ao pronome o *status* de único indicador da categoria de pessoa, daí sua presença cada vez mais constante. Já o pronome *nós*, por apresentar a desinência verbal *-mos*, que identifica o sujeito, favorece o não preenchimento.

O quinto grupo selecionado foi o *tipo de texto* e evidenciou que, na pesquisa em Guarapuava, os *textos argumentativos* favoreceram o maior uso da forma *a gente*, os *textos narrativos* apresentaram um resultado próximo ao ponto neutro, e os *textos descritivos* favoreceram o pronome canônico *nós*. Observamos que, em Guarapuava, o uso de *a gente* na *argumentação* foi um pouco superior ao de Concórdia - SC e Curitiba - PR.

O sexto fator selecionado foi a *determinação do referente* e verificamos a predominância da forma *a gente* em contextos cujo sujeito é *indeterminado* semanticamente. No entanto, a forma inovadora está

avanzando também no campo da determinação. Esse resultado corrobora os resultados obtidos por Omena (1998), Seara (2000), Borges (2004), Tamanine (2002; 2010) e Franceschini (2011). Observamos ainda que, de

uma forma geral, os informantes guarapuavanos estão usando mais o pronome inovador *a gente*.

Assim, com este estudo, pretendemos contribuir para a descrição e análise do português falado em Guarapuava e aos estudos de variação/mudança linguística na região Sul do Brasil.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO AMIGOS DA VILA SUÉVIA - Disponível em:
<http://www.soavisu.com.br/suabios-do-danubio/>. Acesso em 01.08.2015.

BORGES, P. R. S. *A gramaticalização de a gente no Português Brasileiro: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaraguão e Pelotas*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CALVET, L. J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

DEON, V. A. *Variação pronominal nós/a gente em Guarapuava*. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava-PR, 2015.

DUARTE, M. E. L. *Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil*. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.).

Português brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo. 2.ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 1996.

FRANCESCHINI, L. T. *Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia – SC.* Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa Instrumental de análise.* São Paulo: Parábola, 2007.

IBGE. Disponível em:

<<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=410940>>. Acesso em 30.09.2015.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos.* Trad.: BAGNO, M.; SCHERRE, M.; CARDOSO, C. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOPES, C. R. S. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil.* DELTA, São Paulo, v. 14, n.2, 1998. pg. 405-422. ISSN 1678-460X. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501998000200006>>. Acesso 30.05.2015.

_____. *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português.*

Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003, v.18. p.174.

ISBN: 84-8489-061-9. Disponível em:

<<http://www.letras.ufrj.br/laborhistorico/producao/Lopestese.pdf>>. Acesso 01.06.2015.

MENON. *A indeterminação do sujeito no português do Brasil:* NURC-SP e VARSUL. In: Paulino Vandresen. (Org.). *Variação, Mudança e Contato Linguístico no Português da Região Sul.* Pelotas: EDUCAT - Editora da Universidade Católica de Pelotas, v. 1, 2006. p.125-167.

MARCONDES. G. G. *Guarapuava: História de Luta e Trabalho.* Guarapuava: Unicentro, 1998.

MONTEIRO, J.L. *Para compreender Labov*. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

OMENA. *As influências sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito*. In: SILVA, G.M.O.; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Orgs.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português*

falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1998b. p. 311-323.

SEARA, I.C. *A variação do Sujeito nós e a gente na fala Florianopolitana*. *Revista Organon*. Instituto de Letras UFRGS, Porto Alegre - RS, v. 14, n. 28-29, 2000.

TAMANINE, A.M.B. *A alternância nós/a gente no interior de Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

_____. *Curitiba da gente: Um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramatização de a gente na cidade de Curitiba - PR*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Federal do Paraná, Curitiba, 2010.